



PROCURANDO ENTENDER O ORIENTE MÉDIO

Angela Omati Aguiar Vaz¹

RESUMO:

Os conflitos que atingem o Oriente Médio têm motivos diferentes como a luta para assegurar território, a imposição de valores ocidentais às tradições orientais, fatores econômicos, políticos e religiosos, muitos deles milenares.

Palavras-chaves: Oriente Médio, Islamismo, Cristianismo, Judaísmo, Jerusalém.

ABSTRACT:

The conflicts that affect the Middle East have different reasons as the fight to ensure territory, the imposition of Western values on Eastern traditions, economic, political and religious factors, many of them ancient.

Keywords: Middle East, Islam, Christianity, Judaism, Jerusalem.

O que podemos entender como Oriente Médio

¹ Mestre em Educação, pós-graduada em História Econômica do Brasil atual: 1930-1985; História; Desenvolvimento econômico e urbanização em São Paulo e Metodologia e Didática do Ensino Superior. Historiadora e pedagoga. Professora e coordenadora do curso de História da Faculdade Don Domênico.



www.feedbackmag.com.br acesso em 22/02/2015.

As tensões no Oriente Médio perduram há séculos. O Oriente Médio é uma região em torno das costas sul e leste do Mar Mediterrâneo, que engloba os países situados na confluência de três continentes: a Europa, a Ásia e a África. Geógrafos e historiadores, normalmente discordam sobre o que podemos considerar como países que compõem o Oriente Médio, mas muitos consideram os seguintes países: Afeganistão, Arábia Saudita, Barein, Qatar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Omã, Síria, Sudão e Turquia. Há os países mais a leste, o Afeganistão e o Irã. Historicamente tem sido chamado de Oriente Próximo. O termo Oriente Médio define uma área de forma pouco específica, ou sem definição de fronteiras precisas.

Muitos povos da região têm como língua principal o árabe, por isso são chamados de árabes, mas há também os turcos, cujo idioma é o turco; os persas, do Irã, que falam farsi (ou persa) e os judeus, de Israel, que falam hebraico.

As principais religiões presentes no Oriente Médio

Em relação à questão religiosa, há três grandes importantes religiões que consideram e disputam locais sagrados, dividindo o território de maneira, muitas vezes, não amigável. O Oriente Médio abriga 18% de todos muçulmanos do mundo (90% da população total regional), 12 milhões de cristãos e 6,5 milhões de judeus.

Para melhor entendimento, temos que saber a origem dessas religiões.

O Judaísmo é seguido por aproximadamente 0,2% da população mundial, sendo considerada a primeira grande religião monoteísta, apesar de ter havido algumas manifestações neste sentido no antigo Egito. Os judeus são os descendentes dos antigos povos hebreus. O livro sagrado é o Velho Testamento ou Torá, Deus é Javé ou Jeová e o templo sagrado é chamado de Sinagoga. O Torá é composto pelos primeiros cinco livros da Bíblia. No Gênesis 14:13, Abraão aparece como o primeiro judeu, tendo sido descrito como um “hebreu”. Já o nome “judeu” vem de Judá, um dos doze filhos de Jacó e umas das doze tribos de Israel. Inicialmente o nome “judeu” era para o membro de uma parte das doze tribos de Judá, mas quando o reino foi dividido, Israel no norte e Judá no sul, esse nome passou a se referir a qualquer um do reino de Judá, o que incluía as demais tribos. Atualmente, muitos acreditam que ser um judeu signifique ser um descendente de Abraão, independentemente de qual das doze tribos. Tudo começou com Abraão que deveria conduzir os hebreus de Ur para a terra prometida chamada de Canaã, atual Palestina. Segundo a tradição religiosa, Abraão era esposo de Sara, que era estéril e por isso ofereceu sua escrava egípcia chamada Agar e com ela, Abraão teria tido um filho chamado de Ismael, que deu origem aos povos árabes. Após alguns anos Sara teve Isaac cuja descendência seria o povo judeu/hebreu. Durante o domínio romano, os judeus organizaram diversas rebeliões, que foram duramente reprimidas. Em 70 d.C., após mais revoltas, os romanos expulsaram os judeus da Palestina, dispersando esse povo pelo mundo. Tal acontecimento ficou conhecido como Diáspora. Espalhados pelo mundo, mantiveram-se como nação, mesmo sem território, preservando a cultura, principalmente devido a fé.

Há grupos que consideram não haver necessidade de ser um seguidor das leis e costumes judaicos para ser considerado um judeu. Na verdade, é possível que um judeu não tenha nenhuma fé em Deus e ainda seja considerado judeu, de acordo com essa interpretação. Para outros embora a pessoa seja biologicamente judia, caso não tenha fé, não será considerada como tal.

Há cinco formas ou grupos principais do Judaísmo no mundo de hoje. Eles são o Judaísmo Ortodoxo, Conservador, Reformista, Reconstrucionista e Humanista. Para todos, Deus não possui um corpo físico e teria revelado os primeiros cinco livros da Bíblia hebraica a Moisés e teria se comunicado com o povo judaico através dos profetas. Aguardam o Messias, o ungido de Deus, para reunir os judeus mais uma vez na terra de Israel.

Consideram-se como o povo escolhido de Deus. Quando do nascimento de Jesus, muitos acreditaram ser ele o Messias que aguardavam. Portanto, o Cristianismo é uma dissidência do judaísmo e é a base também do Islamismo.

O Cristianismo é seguido por aproximadamente 31,5% da população mundial. Tem como livro sagrado o Velho e o Novo Testamento² que formam a Bíblia. O templo sagrado é chamado Igreja.

Foi no governo do imperador romano Otávio Augusto que nasceu Jesus Cristo. O cristianismo veio então, como uma forma de libertação, não só espiritual, mas também da situação injusta imposta pela sociedade. Após o século IV, ocorreu a conversão do então imperador romano Constantino, que criou condições favoráveis ao Cristianismo. Em 313 d.C., Constantino assinou o Édito de Milão, que estabelecia a liberdade religiosa, e, assim, a perseguição aos cristãos chegou ao fim. Existem ramos do Cristianismo: o catolicismo³, a Igreja Ortodoxa⁴, a Igreja Católica Copta⁵, a Igreja Ortodoxa Copta⁶ e o Protestantismo⁷, com diferentes concepções cada um deles, mas creem na existência de um Deus, criador do universo e em Jesus Cristo, elemento central da religião, considerado o redentor da humanidade.

Islã significa “rendição” ou “submissão” e se refere à obrigação do muçulmano de seguir a vontade de Alá, como chamam a Deus. Islamismo, muçulmanismo ou

² é o nome dado à coleção de livros que compõe a segunda parte da Bíblia cristã, cujo conteúdo foi escrito após a morte de Jesus Cristo e é dirigido explicitamente aos cristãos. Para o cristianismo tanto o Antigo Testamento (a primeira parte) quanto o Novo Testamento são considerados, em conjunto, as Escrituras Sagradas.

³ O catolicismo tem como estrutura hierárquica as paróquias, as dioceses e as arquidioceses. Todas essas três instituições são submetidas à direção e ensinamentos provenientes do Vaticano, órgão central da Igreja Católica comandado por um pontífice máximo chamado de Papa.

⁴ Trata-se de uma dissidência do catolicismo, cuja separação ocorreu em 1054. Não são subordinados ao Papa. Os sacerdotes podem casar.

⁵ A Igreja Ortodoxa Copta, que de acordo com a tradição, foi estabelecida pelo apóstolo Marcos no Egito, em meados do ano 60 e não está em comunhão com a Igreja Ortodoxa nem com a Igreja Católica. É a igreja cristã nacional do Egito.

⁶ A Igreja Católica Copta é uma igreja Oriental em comunhão com a Igreja Católica, sem nunca ter abandonando as suas tradições e ritos litúrgicos orientais, reconhecendo a autoridade e primazia do Papa. Unida formal e oficialmente à Santa Sé em 1741, fruto de uma cisão ocorrida na Igreja Ortodoxa Copta, que não aceita a autoridade papal.

⁷ O movimento protestante surgiu na tentativa de Reforma da Igreja Católica iniciada pelo monge agostiniano Martinho Lutero, no século XVI. Defendem a crença de que a única autoridade a ser seguida é a Palavra de Deus. O protestantismo pode ser subdividido em ramos, como o luteranismo, calvinismo, anglicanismo entre outras. Atualmente, costuma-se classificar as igrejas protestantes em pentecostais e neopentecostais.

maometanismo refere-se a religião seguida por 23,2% da população mundial. É a que mais se expande mundialmente. O livro sagrado é o Corão ou Alcorão e o templo sagrado Mesquita.

Maomé deu origem ao Islamismo. Perseguido em Meca, acabou sendo expulso da cidade indo para a cidade de Yatrib. Esse fato ficou conhecido como Hégira, a fuga, e é o marco no calendário mulçumano, ficando estabelecido como o Ano 1 que corresponde ao ano 622 do calendário cristão. O embasamento do texto do Alcorão teria sido revelado a Maomé pelo próprio anjo Gabriel. O Alcorão trata, ainda, de diversos aspectos da vida, como também comportamentos sociais e até a maneira de se vestir. Maomé em pouco tempo converteu todos os povos da Península Arábica ao Islamismo que proporcionou a unificação dos povos. Em 632, Maomé morreu deixando o mundo árabe unificado politicamente e agrupado em torno da religião islâmica.

A cidade de Jerusalém, a principal do Oriente Médio, é disputada pelas três grandes religiões. O Islamismo tem o Domo da Rocha como um dos locais mais importante de onde Maomé teria subido aos céus. Na tradição judaica, o local teria sido onde Abraão preparou o sacrifício de Isaac. Já a Igreja do Santo Sepulcro, para o cristianismo, assinala o local tradicional da crucificação, do enterro e da ressurreição de Jesus Cristo. Para os judeus, o Muro das Lamentações, parte do Segundo Templo de Salomão, é o local mais sagrado de todos, onde rezam e fazem pedidos escritos em pequenos pedaços de papel, que são colocados nas frestas das pedras. O Muro data do século 2 a.C. e seria a única parte remanescente do Segundo Templo de Jerusalém, destruído pelos romanos no ano 70.

A origem dos conflitos

Há mais de 3 mil a.C., essa região, na encruzilhada da Europa, Ásia e África foi dominada por diversos reinos e impérios. O mapa do Oriente Médio que vemos hoje é apenas o mais recente capítulo de uma longa saga.

Dentre os povos que estiveram presentes, podemos destacar: os egípcios (a partir de 2500 a.C.), hititas (por volta de 1500 a.C.), israelitas (século 10 a.C.), assírios (século 8 a.C.), babilônios (século 7 a.C.), persas (século 6 a.C.), macedônios (século 4 a.C.), romanos (século 1), bizantinos (século 5), sassânidas e califado islâmico (século 7), seljúcidas, cruzados europeus e muçulmanos liderados por Saladino (século 12),

império mongol (século 13), império otomano (século 16) e potências ocidentais, no início do século 20. Muitos dos povos citados não existem mais, inclusive o dos faraós, visto que quem habita o Egito nos dias atuais, são árabes.

O mundo conheceu o cristianismo quando grande parte dos povos estava sob o domínio romano. O império havia crescido de tal forma que quase impossibilitava a sua governabilidade. Foi dividido em dois no século 4, sendo Roma capital do Império Romano do Ocidente e Constantinopla, antiga Bizâncio e hoje Istambul, a capital do Império romano do Oriente.

No século 5, o Império Romano do Ocidente sucumbiu ante as invasões dos povos germanos (chamados bárbaros) à Europa, mas o Império Romano do Oriente, mais conhecido como Bizantino, ainda se manteria por mil anos. Embora falassem grego, os bizantinos se consideravam romanos.

Em 637 o Oriente Médio caiu na dependência de uma nova potência, o Islã, fundado pelo profeta Maomé, que chegou com uma novidade em relação aos líderes cristãos, sendo ao mesmo tempo líder político e religioso. Os exércitos de Maomé partiram da Arábia e avançaram sobre o Oriente Médio, África, Europa, Índia e China ao mesmo tempo, aliando a vanguarda da ciência ao maior poderio militar da Terra. A Espanha foi dominada pelos árabes por sete séculos e Portugal por quatro.

Não há entre os muçulmanos a distinção entre a lei religiosa e a lei do Estado. Há apenas uma única lei, a Sharia, que regula todos os aspectos da vida humana. Com a morte de Maomé, em 632, a comunidade islâmica se dividiu sobre quem seria seu primeiro sucessor, o califa. A maioria apoiou a escolha de Abu Bakr, companheiro e sogro de Maomé. Outros desaprovaram essa decisão, dizendo que a única liderança legítima era a que vinha da linhagem do primo e genro do profeta, Ali. Os partidários de Bakr ficaram conhecidos como sunitas, enquanto os de Ali foram chamados de xiitas. A palavra "Sunita" vem de sunnah, que se refere as palavras e ao exemplo do profeta Maomé. Já "xiita" vem de shia, ou seguidor (de Ali).

Os primeiros califas foram árabes e muçulmanos, ou seja, faziam parte do povo árabe e seguiam a fé islâmica. Não podemos confundir árabe e muçulmano. Somente 30% dos muçulmanos são árabes.

Com o passar dos séculos, o poder do califado foi exercido por dinastias diversas, como a dos omíadas, sediados em Damasco, hoje Síria e abássidas, com sede em Bagdá, no Iraque atual. Por vezes, essa unidade era ameaçada. Em 1096, o papa

Católico Urbano II resolveu dar um basta ao domínio muçulmano na Terra Santa e enviou a primeira de uma série de expedições, as Cruzadas, com a finalidade de reconquista. Foi um banho de sangue. Ambos os lados acusam, até em nossos dias, o outro de inúmeras atrocidades, como saques, estupros, matanças e carnificinas.

Os cruzados, como os cristãos europeus eram chamados, transformaram as mesquitas em igrejas, trazendo humilhação aos muçulmanos e a expulsão dos judeus da cidade. O reino cruzado durou pouco. Os muçulmanos se reorganizaram em torno do general muçulmano curdo e não árabe, Saladino, que em 1187 entrou triunfante em Jerusalém, aceitou a rendição dos cristãos e permitiu a volta dos judeus. O período marca o apogeu dos cruzados. Enquanto a Europa encontrava-se sob as leis da Igreja Católica, com a imposição dos seus dogmas, os muçulmanos, principalmente os árabes, atingiram avançados estágios na matemática, medicina, astronomia e responsáveis pela tradução das obras dos filósofos gregos para o árabe. Estas traduções permitiram que os europeus redescobrissem os filósofos da Antiguidade, visto que os originais em latim encontravam-se em poder do clero católico.

Pouco depois, parte da região passou ao domínio dos mongóis, que com o tempo se converteram ao Islã.

No século 15 o mundo viu, com a formação de um novo império muçulmano, o dos turcos otomanos triunfarem. Tomaram a cidade de Constantinopla (ou seja, a capital do antigo Império Romano do Ocidente) em 1453 e ampliaram seus domínios até a África e a Europa. Os sultões otomanos se proclamaram califas, embora fossem turcos, não descendentes de Maomé e não árabes. Foram aceitos porque o mais importante era o revigoramento da supremacia da religião muçulmana.

Desde o declínio do Império Romano e por mais de mil anos, o Islã esteve na dianteira do progresso humano. Era a principal potência econômica e comercial do planeta, e como já dito, conhecedores e divulgadores da filosofia grega e romana, pioneiros nas experiências científicas e profundos conhecedores das artes, quando o ocidente encontrava-se submetido aos ditames e dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana que ditava a moral e vida. Os europeus promoveram o Renascimento no século 16. Os muçulmanos em contrapartida tornaram-se mais fechados a mudanças e muitos deles mais radicais religiosamente. A balança inverteu-se. O Islã era uma força em retirada e seus líderes se sentiam ameaçados pelos impérios ocidentais. O Ocidente promoveu novas mudanças, resultado das chamadas Revoluções Burguesas, como a

Revolução Inglesa, a Francesa e posteriormente a Revolução Industrial, enquanto o Islã, numa inversão do curso da história, parecia estagnado.

Os séculos XIX e XX

O neocolonialismo ou imperialismo dos séculos XIX e XX trouxe humilhação para os muçulmanos, visto que todas as regiões islâmicas do norte da África e do Oriente Médio ficaram sobre o domínio de países europeus. Grande parte dessa região fazia parte do Império Otomano⁸, que após a Primeira Grande Guerra Mundial, de 1914 a 1918, foi fragmentado, e países europeus passaram a dominar vários países. Quando estourou a guerra, em 1914, a maioria dos árabes manteve-se leal ao Império Otomano. Os curdos também tomaram o seu lado e, estimulados pelos otomanos, massacraram centenas de milhares de armênios cristãos, um acontecimento pouco divulgado. Foi um pavoroso genocídio promovido pelos turcos contra os armênios cristãos no início do século XX.

O Iraque (antiga Mesopotâmia) e Palestina (hoje Israel, Jordânia e Cisjordânia), ficaram sob domínio britânico. A Síria (atuais Síria e Líbano) coube aos franceses. O califado, símbolo da unidade política do Islã, por cerca de mil e trezentos anos, cedia lugar a estados-nações com leis e costumes importados do Ocidente. O islamismo havia ultrapassado os limites do mundo árabe, tendo alcançado, além dos persas e dos turcos, muitos outros povos na África e na Ásia, chegando até a Indonésia, hoje a maior de todas as nações muçulmanas, com mais de 100 milhões de habitantes.

No período entre guerras (1918 a 1939), franceses, ingleses e russos se aliaram contra o expansionismo alemão. Os turcos decidiram lutar do lado da Alemanha, sendo que os ingleses começaram a treinar tribos árabes de dentro do próprio Império Otomano contra os turcos usando táticas de guerrilha. Os britânicos e os franceses viram nos árabes uma boa oportunidade de enfraquecer o inimigo por dentro. Com armas e apoio logístico, os britânicos fizeram com que os árabes se revoltassem contra os turcos.

⁸ O Império Otomano foi um importante estado que durou de 1299 a 1922, e que compreendia vastos territórios no norte da África, sudeste da Europa e Oriente Médio. Estabelecido por um dos vários ramos dos povos turcos que migraram para a península da Anatólia (região da atual Turquia).

Motivo de polêmica entre historiadores, T.E. Lawrence, soldado e arqueólogo inglês que liderou a Revolta Árabe (1916-18) contra os turcos, ficou famoso, merecendo um filme – Lawrence da Arábia.

Com a derrota turca, fronteiras novas foram criadas. Até os nomes refletem essa artificialidade. Os franceses criaram o Líbano atual tomando parte da Síria, enquanto os britânicos traçaram as fronteiras da Transjordânia (atual Jordânia), do Iraque e do Kuwait. O interesse dos europeus provinha da posse do petróleo. Essa criação de nações com fronteiras artificiais, unindo povos com identidades muito distintas, trouxe fragilidade na manutenção da paz. Ao participar da Primeira Guerra Mundial, ao lado da aliada Alemanha, o fraco estado ofereceu pouca resistência aos aliados. Vencido, o Império Otomano é extinto em 1922, para dar lugar a uma república, a atual Turquia, fundada por um destacado militar otomano, Mustafá Kemal, apelidado "Ataturk" (que significa "pai dos turcos"). Ele instituiu a República, modernizando o país e separando a religião da política e abolindo o califado – que havia sido o símbolo da identidade muçulmana durante 13 séculos.

À medida que as novas nações árabes foram alcançando a sua independência, houve o crescimento do sentimento nacionalista e a reafirmação dos valores islâmicos. Esse nacionalismo era uma novidade na história dos impérios muçulmanos. Antes não importava se seus integrantes fossem árabes, persas, curdos, mas sim que fossem muçulmanos.

Em 1920 surgiu o Iraque, quando Faiçal foi expulso da Síria pelos franceses, os ingleses o nomearam como rei do Iraque, sem que ninguém o conhecesse. Seus descendentes governaram até 1958, quando o seu neto foi assassinado. Já em 1979 Sadam Hussein chegou ao poder, ficando até 2003 quando foi executado pelos estadunidenses. O Líbano e Síria conseguiram a independência da França em 1943. O Líbano, antes chamado de “Suíça do Oriente”, mergulhou em uma guerra civil de 1975 a 1990. A Síria está em conflito desde 2011 com milhares de mortos. A Jordânia libertou-se da Inglaterra em 1946. O Egito em 1953 e em 1956 o presidente Gamal Abdel Nasser ficou no cargo até 1970, sucedido por Anwar Al Sadat assassinado em 1981. Enfim, os países árabes estão engatinhando em busca da democracia.

A Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, dividiu o mundo em dois blocos, o Eixo (Itália, Alemanha e Japão) e Aliados (Grã-Bretanha, França e URSS, mais tarde os EUA e Brasil inclusive).

Adolf Hitler, governante da Alemanha, afirmava que a culpa da derrota na Primeira Guerra Mundial, foi dos judeus. Com seus discursos de caráter nazista, levou as pessoas a acreditarem em suas teorias antijudaicas. A vitória dos aliados, em si, também foi uma grande vitória para os judeus. Com isso, eles conseguiram a liberdade dos campos de concentração. Quando os primeiros soldados aliados chegaram a esses campos e libertaram os judeus, ficaram muito surpresos com a situação desumana presenciada. Com o fim da guerra, houve uma comoção mundial pelo tratamento dado a eles, lembrando que ciganos, muçulmanos, homossexuais, entre outros, também foram alvo da fúria de Hitler.

Em 1948, foi criado o Estado de Israel, que acabou por gerar nova animosidade entre os países muçulmanos e os cristãos. O Ocidente, principalmente os Estados Unidos, passou a apoiar incondicionalmente o estado Judeu em sua luta contra os palestinos e outros povos árabes. Com o enriquecimento de alguns países árabes, com a exploração do petróleo e o surgimento de movimentos militantes entre os xiitas, aconteceram várias revoluções e o surgimento de regimes islâmicos fundamentalistas, caso do Irã. Além do apoio dos Estados Unidos a Israel, os fundamentalistas se ressentem da presença de tropas americanas em várias regiões e da influência cultural do Ocidente nos seus respectivos países, vista como danosa para a sua fé e seus valores tradicionais.

O Brasil teve importante participação na criação desse estado, visto que, em 1947, o brasileiro Oswaldo Aranha era o chefe da delegação brasileira na recém criada ONU – Organização das Nações Unidas. Ele presidiu a segunda Assembleia Geral que votou o plano para partição da Palestina, culminando então com a votação a favor de Israel. Graças a articulação dele, a votação foi adiada por três dias, dando tempo necessário para os favoráveis aos sionistas.

Em relação aos povos judeus e árabes, há algumas terminologias usadas que geram confusão. São povos semitas, ou seja, conjunto linguístico composto por uma família de vários povos, entre os quais árabes e hebreus (atuais judeus). A origem vem do Gênesis e refere-se a descendentes de Sem, filho de Noé. Antijudaísmo é a hostilidade ou oposição a religião judaica e seus praticantes e não a fatores raciais. Antissemitismo é a hostilização a judeus e árabes. O Nazismo abraçou o desejo de exterminá-los. Antissionismo é o termo aplicado principalmente a oposição política, religiosa ou moral ao estado judeu.

Após sua criação, Israel foi invadido pelos países vizinhos. Tinha início a primeira das seis guerras árabes-israelenses – e com ela o problema dos refugiados palestinos. Com o cessar-fogo, em 1949, Israel ficou com parte de Jerusalém e as zonas que seriam destinadas aos palestinos – Gaza e Cisjordânia – ficaram com Egito e Jordânia, dois países árabes, mas o Estado palestino não foi criado.

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, o presidente dos Estados Unidos George W. Bush implantou a doutrina do mundo dividido entre o “Eixo do Bem” (EUA e aliados) e “Eixo do Mal” (Coreia do Norte e Estados muçulmanos). Ocupações preventivas e batalhas foram realizadas, lembrando que a região do Oriente Médio é a principal fornecedora de petróleo, o que atrai o interesse de todas as potências mundiais. A Guerra ao Terror se desdobrou em três frentes: contra o Iraque e o Afeganistão, com a criação de sistema de controle maior das liberdades civis e de comunicação e ações realizadas pelo serviço secreto. Um exemplo dessas ações foi a execução de Osama Bin Laden em dois de maio de 2011, no Paquistão, portanto em território estrangeiro, lembrando que ele já estava afastado da liderança da Al-Qaeda por ser o homem mais caçado do mundo, sendo que sua morte foi mais simbólica, não alterando em nada a guerra ao terror.

Em 7 de outubro de 2001, portanto, pouco após o ataque às torres gêmeas em Nova Iorque e ao Pentágono dos Estados Unidos, a rede de TV árabe Al Jazeera transmitiu um vídeo de Osama Bin Laden, onde ele falava da humilhação sofrida pelo Islã durante mais de 80 anos, em referência ao fato de, em 1918, o Império Turco-Otomano ter sido derrotado pelos europeus.

Considerações finais

Podemos falar em Choque de Civilizações, teoria proposta por um cientista norte-americano, Samuel P. Huntington, segundo a qual as identidades culturais e religiosas dos povos serão a principal fonte de conflito no mundo pós-Guerra Fria.

A unidade muçulmana da época medieval, não mais se concretizou. A situação dos cristãos que vivem em países muçulmanos não está confortável e muito menos a dos muçulmanos radicados em áreas cristãs ou judaicas.

Fica uma pergunta no ar, com os interesses econômicos envolvidos, com as diferenças religiosas e culturais, com um passado de confrontos e ressentimentos, será possível uma paz no Oriente Médio?

Repetindo a pergunta título do livro de Bernard Lewis, “O que deu errado no Oriente Médio?” Nesses séculos os problemas se agravaram, sem que haja uma luz no fim do túnel. As consequências dos conflitos ainda movimentam a geopolítica mundial.

O petróleo é utilizado como arma política. A chamada Primavera Árabe, ou seja, a onda de protestos e revoluções ocorridas no Oriente Médio e norte do continente africano fez com que a população mostrasse o descontentamento com os governos, mas não trouxe reais mudanças em geral. As organizações extremistas com a finalidade de acabar com a influência do Ocidente proliferaram-se, acarretando em milhares de mortes. A situação da Palestina, que nem ao menos é considerada um Estado e, portanto seus cidadãos, são por muitas vezes tratados como terroristas em potencial, mostram a fragilidade como os problemas do Oriente Médio têm sido tratados.

A posição geográfica da região incrustada em três continentes, a dependência de água dos países vizinhos, o interesse internacional pelo petróleo, as fronteiras definidas de acordo com interesses dos países europeus que os colonizaram, os confrontos das três religiões presentes, como também as subdivisões delas, muitas vezes conflitantes, a criação do Estado de Israel em terras palestinas, são alguns dos problemas que se fazem presentes, conseqüentemente os conflitos ocorrem e continuaram a ocorrer.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O Islã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Ed. Contexto, 2013.

LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. *O que deu errado no Oriente Médio?* Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MAALOUF, Amin. *As Cruzadas vistas pelos árabes*. São Paulo: Brasiliense, 1994.